

Uma apresentação do manuscrito inédito de João Köpke: *Versos para os pequeninos*¹

Una presentación del manuscrito inédito de João Köpke: *Versos para niños más pequeños*

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2016v34n67p51-67>

NORMA SANDRA DE ALMEIDA FERREIRA²

RESUMO: Neste estudo apresentamos, à luz da História Cultural, *Versos para os pequeninos*, manuscrito inédito e escrito do próprio punho por João Köpke (1852-1926), educador, autor de livros escolares, intelectual republicano do século XIX. Nosso objetivo é explorar a configuração composicional desse manuscrito interrogando sua materialidade, práticas e finalidades de leitura e de escrita, previstas para uso escolar de leitores infantis. Situamos tal manuscrito no contexto da produção para crianças desse período e no contexto das próprias obras publicadas por Köpke. Concluimos destacando a singularidade desse manuscrito e o reconhecemos como pertencente a um gênero discursivo pouco pesquisado na história da leitura e dos livros para crianças, distinto das publicações no período histórico-cultural-educacional em que ele se encontra circunscrito, e ainda bastante distinto da produção impressa do próprio João Köpke.

PALAVRAS CHAVE: João Köpke; manuscrito; poemas infantis.

RESUMEN: En este estudio presentamos, a la luz de la Historia Cultural, *Versos para os pequeninos*, manuscrito inédito y escrito de puño y letra por João Köpke (1852-1926), educador, autor de libros escolares, intelectual republicano del siglo XIX. Situamos tal manuscrito

1. Este texto foi publicado em espanhol em *Actas del XVIII Coloquio de Historia de la Educación: Arte, literatura y educación*. Barcelona, Espanha (FERREIRA, 2015).
2. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

en el contexto de la producción para niños de este período y en el contexto de las propias obras publicadas por Köpke. Destacamos la singularidad de este manuscrito como distinto de la producción impresa de Köpke, destinada al mercado editorial (nicho escolar); distinto en relación a los intereses y necesidades de aquel mercado; distinto en su configuración composicional en relación a los libros impresos y destinados a niños y conocidos por los actuales estudios aportados por la historia de la educación y de la literatura. La conclusión es que este manuscrito se constituye en un género discursivo poco explorado en la historia de la lectura y de los libros.

PALABRAS CLAVE: João Köpke; manuscrito; poemas infantis

UM CONHECIDO AUTOR E UM VELHO MANUSCRITO

Iniciamos este texto destacando que outros estudiosos, como Hilsdorf (1986), Meneses (1980), Mortatti (2000; 2002), Ribeiro (2001); Panizzolo (2006) e Santos (2013) dedicaram-se a apresentar a trajetória pessoal, intelectual e profissional de João Köpke, assim como analisar seus artigos e conferências, divulgados em diferentes periódicos, além de sua produção de livros escolares e cartilhas. Estes estudos destacaram a importância que João Köpke ocupa na história da educação e da alfabetização, como intelectual atuante, polêmico e firme em suas convicções, principalmente nos debates instaurados em torno da questão dos métodos de alfabetização. (MORTATTI, 2000).

Este artigo pretende apoiar-se principalmente nesses estudos e, particularmente, na minha Tese de Livre Docência (FERREIRA, 2014), cuja pesquisa tem como ponto central *Versos para os pequeninos*, uma obra de João Köpke, que, por sua característica de suporte – manuscrito –, é pouco conhecida pelos pesquisadores, tendo estado guardada em acervo particular da família Köpke por quase cem anos.

Nossa intenção é apresentar esse material aos nossos leitores, indagando a configuração composicional que envolve o suporte do texto, práticas de leitura previstas e seu leitor pressuposto, num esforço de compreensão dessa obra no contexto de produção para crianças no período em que ela se encontra circunscrita e no contexto das próprias obras publicadas por João Köpke.

Insistimos que buscar sentidos para esse material pressupõe de antemão marcar nossos caminhos investigativos. De início, assumimos que o conteúdo e usos da linguagem nele inscritos não são interpretados como desencarnados das condições de produção (BAKHTIN, 2003; 2004). Tampouco assumimos esse manuscrito

sem considerar os usos previstos para seus leitores e a sua dependência em relação à materialidade de seu suporte. Assumimos que se trata de um objeto possível de ser interrogado, discursiva e materialmente, quanto ao gênero e suporte que o sustentam, como produto de um gesto de escrita de uma mão que faz uso de um instrumento (caneta, lápis, borracha), acompanhado de outros gestos, como o de recortar e colar estampas para compor um todo com o texto verbal.

Para nós, *Versos para os pequeninos*, de autoria de João Köpke, pode ser entendido como uma coletânea de poemas em versos, caracterizada por um trabalho intencionalmente criativo e ficcional com a linguagem, sendo destinada pelo autor a leitores infantis e escolares. Um projeto de livro possível de ser publicado e que pode ser interpretado entre práticas e representações (CHARTIER, 1990) mobilizadoras de sentidos (históricos e culturais) distintos e variáveis ao longo do tempo e em determinado lugar.

VERSOS PARA OS PEQUENINOS: PRODUTO DE UM GESTO ARTESANAL

A primeira impressão que tivemos desse manuscrito foi a de um caderno amarelado pelo tempo, de formato grande (35 x 23,5 cm), com 54 folhas pautadas. Sem capa, abrigado pela Pasta que o cobre, tem algumas folhas soltas de outras que continuam costuradas em blocos. Um caderno muito próximo daqueles que conhecemos para registro de informações, usados no comércio, em cartórios, em serviços de secretaria etc.

Uma segunda impressão foi a de que esse material pudesse ser um caderno-arquivo de textos para uso didático dos mestres do Instituto H. Köpke, ou do próprio João Köpke, como muitos que conhecemos dos acervos de manuscritos constituídos para estudos de memória institucional, pessoal e profissional, no campo da História da Educação. (MIGNOT, 2002; 2005).

Mas, uma leitura mais cuidadosa (FERREIRA, 2014) nos levou à hipótese de que se tratava de um “boneco de livro” com intenção de ser publicado. Que livro seria esse? Como inferir pelas marcas deixadas nesse material as possibilidades de ter sido produzido para ser publicado? Como descrevê-lo e analisá-lo buscando compreendê-lo, no conjunto de projetos pedagógicos de sua época e no interior do próprio projeto pedagógico do autor? Como interpretá-lo dentro de um projeto para a educação literária das crianças?

À medida que trabalhávamos na análise desse material (FERREIRA, 2014), fomos levantando vários indícios que apontavam ser esse manuscrito uma versão bem acabada para uma possível publicação.

Manuseando-o, inicialmente já identificamos folhas em branco (sem escrita), como se à espera de um prefácio ou uma apresentação, ou ainda à espera de um índice. Também folhas em branco, bem no meio do caderno, parecem indicar uma intenção de dividir o seu conteúdo em duas partes iguais.

Durante sua leitura, outros indícios e informações foram compondo a ideia de que o material pudesse ser um original a ser apresentado para publicação. Nele, destaca-se, por exemplo, o capricho, que sugere uma prática “demorada” em uma versão manuscrita. Em todo o caderno, desde a página de rosto à escrita dos poemas, assim como nas estampas coladas ao lado deles, é possível constatar o capricho e esmero de seu autor.

É o gesto da mão que escreve, com uso de pena e tinta preta, acompanhando a marca de uma linha, a lápis, feita (previamente) com a ajuda de uma régua e produzindo, por exemplo, um desenho do poema. É o gesto da mão, que intencionalmente, recorta e cola as estampas, deixando um título embaixo de cada uma delas, como uma legenda de pintura. Um cuidado do escrevente com a legibilidade da letra manuscrita, presupondo leitores e usos escolares desse material.

Um trabalho que revela a disciplina de um exímio calígrafo, que sugere um escrevente laborioso na parte formal de seus textos, mas sobretudo o professor que utilizava o modelo manuscrito inclinado à direita. No debate instaurado entre a escrita cursiva inclinada para a esquerda ou para a direita, ou ainda o redondo vertical, no final do século XIX (FERREIRA, 2014), João Köpke defendia a inclinação à direita como o modo mais rápido e adequado, no momento inicial de aquisição da escrita por parte das crianças (SANTOS, 2013).

Trata-se também um indicador da liberdade de um exímio calígrafo, pois, conforme Petrucci (1999, p. 175), a caligrafia é “o escrever à mão com deliberadas e precisas intenções, é uma arte que tem muitos séculos e uma larga elaboração teórica e técnica [...] que pode ser repetitiva e, ao contrário, vivamente inventiva e inovadora”.

Essa criatividade pode ser percebida no “estilo” próprio de cada escrevente (no modo como desenha as letras, como as combina, como as distribui no espaço em branco da folha etc.) e também na forma como a usa para diferentes finalidades. A página de rosto de *Versos para os pequeninos* nos oferece um exemplo de uma escrita que é singularmente criativa. Nela, a presença da letra manuscrita e de fôrma propõe

um jogo de letras traçadas em diferentes tamanhos, formatos, cores e disposição visual entre as diferentes informações que a folha estampa.

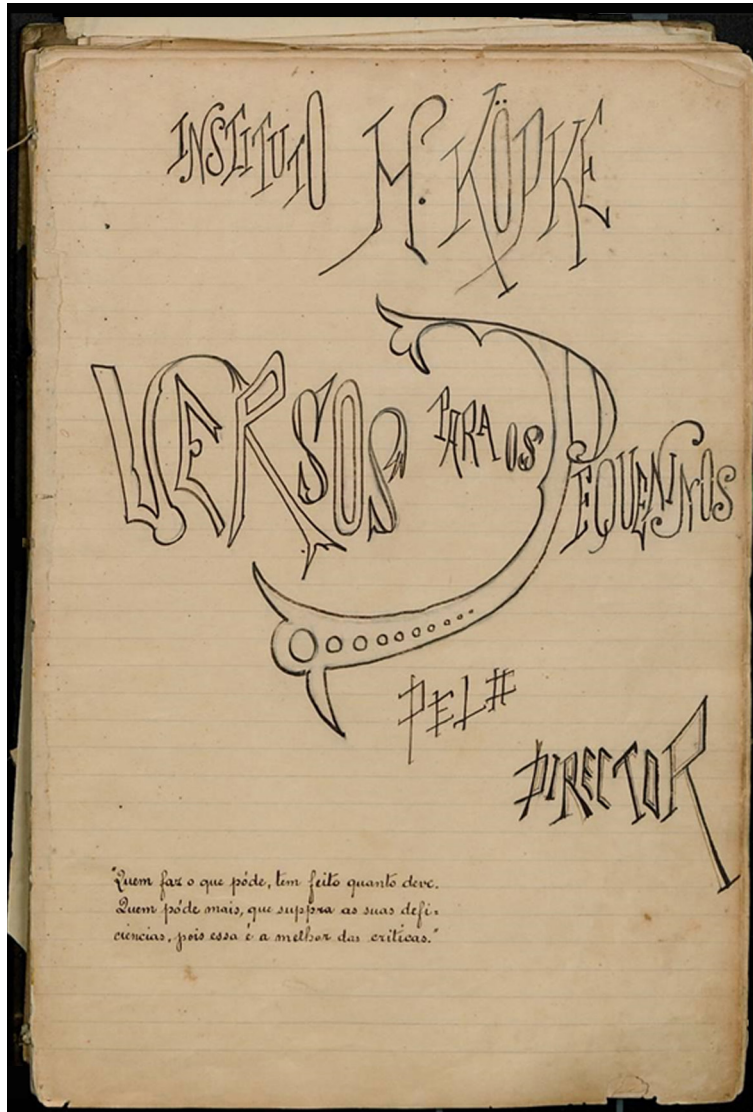


Figura 01: Página de rosto de *Versos para os pequeninos*, Köpke (s/d).
Fonte: acervo da família Köpke.

Nessa primeira página e em várias outras no interior da obra, parece estar impresso o interesse estético de João Köpke em produzir uma visualidade situada entre os campos lexical e ornamental, entre a escrita e o desenho. A visualidade da página oferece ao leitor, além do registro de informações, uma produção em que letras são antropomorfizadas (têm pés, pernas, cabeça, mãos) e ousam no que se refere à horizontalidade da linha pautada: “[...] Estariam as letras brincando entre elas para cantar os versos para pequeninos? Teria o autor, no tratamento das letras, sido orientado por uma concepção de linguagem que não dissocia forma, conteúdo e leitor a quem a obra se destina?” (FERREIRA, 2014, p. 157).

Um jogo com as letras que pode decorrer de uma intencionalidade estética, mas que também funciona como estratégia visualmente bem humorada e inusitada, que contempla o leitor pressuposto e antecipa o conteúdo do que virá depois. Uma estratégia de “quebra” do padrão de apresentação visual da escrita para crianças e que talvez seja uma “receita certa na contraposição que se pretendia fazer com a severidade moralizadora do conteúdo.” (CAETANO; OLIVEIRA, 2012, s/p.), normalmente comum na produção (impressa) destinada às crianças.

UMA BUSCA PELAS SUAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

O conjunto de informações que é apresentado, de forma bem completa, na primeira página do manuscrito, nos ajuda a inferir as condições de produção desse material e a buscar sentidos para o seu destino: o título – *Versos para os pequeninos*; o local de produção – *Instituto H. Köpke*; seu autor – *Pelo Director*; uma epígrafe – *Quem faz o que pôde, tem feito quanto deve./Quem pôde mais, que suppra as suas deficiências, pois essa é a melhor das críticas.*

Seu autor é o então diretor do Instituto Henrique Köpke, que, segundo Panizzolo (2006), Mortatti (2000) e Santos (2013), foi criado por João Köpke em 1886, quando retornou ao Rio de Janeiro. Esse instituto alcançou reconhecimento público e legal pela qualidade de seu funcionamento, até seu fechamento em 1897.

Nesse tempo, João Köpke já conquistara um currículo marcado pela sua atuação como professor e diretor de escolas em São Paulo e em Campinas (SP). Também já proferira conferências pedagógicas em São Paulo e no Rio de Janeiro e atuava em Conselhos e Comissões na elaboração de regimentos para instrução primária e secundária junto à Corte. Ele já fazia parte de uma rede de amigos que com ele estudaram no Largo São Francisco, fundaram escolas, escreveram matérias para

jornais, e de cujos filhos o próprio Köpke se responsabilizara pela educação. Com essa mesma rede de amigos ele ainda debateu e compartilhou ideais republicanos, conhecimentos científicos e o patrimônio cultural à disposição em sua época.

Era considerado um respeitável senhor, de idade madura, pai de sete filhos, sofrendo de alguma doença nas articulações da perna, conforme relata em suas memórias Alceu Amoroso Lima [Tristão de Athayde] (1893-1983), em matéria publicada em *O Estado de São Paulo* (1926).

É também à frente do Instituto Henrique Köpke que João Köpke edita grande parte de suas obras, revisa suas reedições, bem como se dedica à escrita de outras.³ Usufruidando de sua imagem como educador e diretor do Instituto, ele se insere no ambiente de demanda escolar pelo material de leitura, no final do século XIX (HILSDORF, 1986), publicando livros que segundo segundo suas próprias palavras, difundem práticas reconhecidamente inovadoras no ensino da língua materna. (FERREIRA, 2014).

A presença de uma epígrafe – tão artesanalmente trabalhada: em letras cursivas, no canto esquerdo, disposta como se fossem versos – pode ser um indício de que esse material previa leitores mais distantes e menos circunscritos ao Instituto H. Köpke.

A escolha de uma epígrafe de cuja autoria não há indicação, mas que vem entre aspas, aciona nossa memória cultural, nos remetendo aos ditos populares, especialmente seu primeiro verso: *Quem faz o que póde, tem feito quanto deve*. Juntando-se a esse verso os dois últimos – *Quem póde mais, que suppra as suas defi-/ciencias, pois essa é a melhor das críticas*, a epígrafe pode ser interpretada pelo modo de pensar e de atuar do seu autor no cenário político, intelectual e cultural da época, bem como em relação aos seus interlocutores.

E, por último, o título *Versos para os pequeninos*, nessa página de rosto, nos aponta para o leitor pressuposto (pequeninos) e para o gênero em que ele se apresenta (em versos). Um leitor que não vem anunciado pela seriação escolar (1º, 2º Ano etc.) nem pela idade, mas que traz no diminutivo do qualificativo que o nomeia a ideia de ser bem menor dos que aqueles que já são conhecidos como “pequenos”. Um leitor a ser exposto ao material através de uma escola, mas não necessariamente no Instituto H.

3. As informações “Instituto H. Köpke” e “Pelo director” nos remetem à circulação prevista para esse material (o Instituto) e para seus possíveis leitores (alunos, professores e diretor deste instituto), mas também para um espaço de circulação maior, em caso de publicação. Elas podem ser entendidas como marcas de prestígio e legitimação, estratégias editoriais (CHARTIER, 1990), que convocam uma aceitação/aprovação do público por uma instituição frequentada por filhos de famílias ilustres, como o fez em por exemplo, em *Fábulas* (1910, em FERREIRA, 2014, p. 175).

Köpke. Uma obra proposta por João Köpke, em seus últimos anos, como escritor de (novos) livros para crianças, e que naquele momento era também professor ou diretor de uma instituição educacional⁴, obra *essa* destinada a circular na escola.

UMA DISPOSIÇÃO DOS POEMAS E ESTAMPAS

No manuseio e análise de *Versos para os pequeninos*, no esforço de compreendê-lo interrogando sobre sua semelhança ou diferença em relação a outras produções e sobre como explicá-lo dentro dos projetos pedagógicos e literários de formação de crianças no final do século XIX, fomos constatando a singularidade da configuração composicional deste manuscrito.

Em *Versos par os pequeninos*, além do capricho e inventividade na forma de sua apresentação, constatamos ainda o esmero em relação à disposição de cada poema na folha, assim como em relação às estampas.

Sabemos que João Köpke valorizava a importância de belas e harmoniosas gravuras para uso didático, provavelmente orientado pelo método intuitivo. Foi ele quem orientou Zalina Rolim a encomendar antecipadamente belas estampas dos Estados Unidos, como fonte de inspiração para a escrita de o *Livro das crianças* (PIZA, 2008, p. 37).⁵

As estampas – xilografuras ou litografuras – de *Versos para os pequeninos* apresentam um padrão estético reconhecido como próprio da cultura europeia: em seus cenários, tipo físico das crianças, vestimentas, animais etc. São estampas que convergem para uma representação do universo infantil: brincadeiras de crianças, travessuras de animais, estripulias na cozinha, no quarto, na sala, fora de casa, em cenários descontraídos.

Provavelmente, elas são reproduções, em tamanho menor, das “pranchas ilustradas” (PIZA, 2008) que tinham como finalidade inspirar exercícios orais ou escritos, especialmente descrições, de forma individual ou coletiva, na escola primária, no Brasil, até meados dos anos 60. Esse recurso didático visualmente buscava despertar e aguçar o sentido de observação da criança, de modo que ela pudesse estabelecer

4. Sabemos que, depois do fechamento do Instituto H. Köpke, ele foi nomeado para o Cartório de Registro de Imóveis do 1º Distrito. Continuou revisando suas obras já publicadas, insistiu na edição de sua cartilha pelo método analítico, organizou o programa infantil *Um quarto de hora – Histórias contadas pelo vovô*, na Rádio Sociedade do RJ. (SANTOS, 2013).

5. O projeto estético-visual do livro de Zalina Rolim (1897) é praticamente o mesmo de *Versos para os pequeninos*. Uma composição estética-formal articulada a um plano pedagógico intencionalmente conduzido pelo autor: na disposição e seleção das estampas quanto a seu lugar e sua função em relação ao texto verbal. (Cf. FERREIRA, 2014).

comparações, nomear e conhecer o real, a partir de quadros colocados à frente da sala, segundo orientações do método intuitivo. (CASTRO, 1998).

As estampas estão estrategicamente coladas na página ímpar, acompanhadas de um título embaixo de cada uma delas, como uma legenda de um quadro. Os poemas, por sua vez, também aparecem estrategicamente sempre na página par. Embora cada um tenha, em média, 10 estrofes de 06 versos (quadra e um refrão), os poemas, dispostos em colunas, ocupam regularmente uma única página. Uma economia de espaço para que a extensão do poema não se estenda por mais de uma página? Adequação do uso das páginas à quantidade de folhas do caderno? Uma estratégia para que o pequeno leitor se “engane” com o número de estrofes? Um gesto intencional para que cada poema esteja lado a lado da estampa que o inspira e com a qual dialoga?

Acreditamos que a decisão de que cada poema ocupe apenas uma página pode ser uma estratégia visual de natureza pedagógica, em que estampas e textos são igualmente importantes:

[...] manter o que se diz pela imagem e pelas palavras, lado a lado, no momento da leitura das crianças, de acordo com o método intuitivo. Um modo de produção de texto, em que o escrevente observa e descreve a imagem, que se torna inspiração para sua escrita e para outros exercícios de linguagem. (FERREIRA, 2014, p. 185).

Conforme o próprio João Köpke (1896) orienta a Zalina Rolim, as estampas antecedendo os textos permitirão a “objetivação dos sentimentos e ideias expressos no verso” (PIZA, 2008, p. 1) e precedem a leitura e a memorização das crianças, assim como incentivam usos – oral e escrito – da linguagem.

Nesse caso, as estampas inspiram e dão assunto aos poemas, mas igualmente servem como textos “modelares” feitos pelo autor para as crianças. Um exercício de escrita de um gênero descritivo-narrativo, em versos, diante de uma gravura, que é similar ao proposto para os alunos, que pressupõe práticas com usos da linguagem (transformação e imitação, em prosa) e de práticas de leitura expressiva e de recitação.⁶

Mas além da intenção pedagógica do autor, no uso da leitura das estampas em *Versos para os pequeninos*, as estruturas formais-visuais dos poemas apontam

6. A função dada às estampas em *Versos para os pequeninos* não se limita à ilustração ou fragmentação do verbal sugerindo leveza ao texto orientada por uma representação do leitor. Tampouco se restringe a estimular a curiosidade e facilitar a compreensão, no interior das produções voltadas para crianças, como vemos, por exemplo, em *Contos Infantis*, de Adelina Vieira e Julia Lopes de Almeida (1922).

também para uma intencional proposta estética do autor, que tenciona “quebrar” o modelo com o qual as crianças estão familiarizadas.

Os modos como os poemas se movimentam e as distintas estruturas visuais em que eles se apresentam – versos que dançam nas folhas ou que se apresentam de forma tradicional; estrofes esticadas ou com versos amontados; versos que descem, compondo estrofes, em um desenho côncavo; estrofes mais acima, mais à esquerda – sugerem, no desalinhamento alinhado, uma brincadeira do autor, uma disposição lúdica dos poemas nas folhas do caderno. Se o plano estético-pedagógico é calculadamente traçado por João Köpke, a disposição do texto escrito, nesse manuscrito, parece também ser fruto de uma deliberada e precisa intenção, que no entanto também se mostra “vivamente inventiva e inovadora”. (PETRUCCI, 1999, p. 175).

Um exemplo disso pode ser a topografia visual da escrita do poema “Limões e Laranjas”. Nele, a disposição das estrofes não é regular nem padronizada. Entre estrofes dispostas uma abaixo da outra, há algumas que formam um desenho côncavo. Uma “brincadeira” do autor com a ordenação das estrofes, sugerindo a passagem das crianças por baixo dos braços de outras?

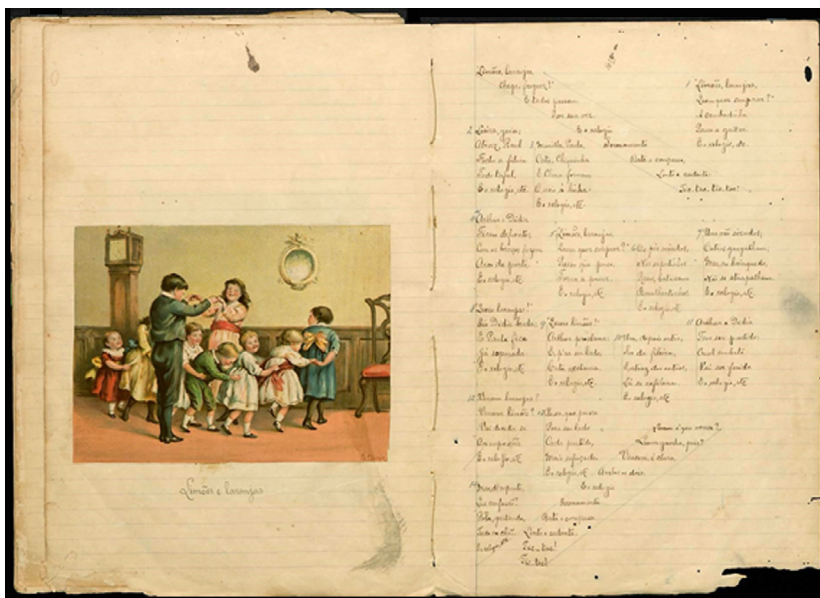


Figura 02: “Limões e Laranjas” (p. 50-51), *Versos para os pequeninos*, Köpke (s/d).
Fonte acervo da família Köpke.

Essa topografia visual dos poemas que parece indicar uma relação com o conteúdo neles tratado também é reincidente em outros poemas, como “O Balanço”, “A Lua”, “A Lição”, entre outros. No entanto, não pode ser estendida a todos os poemas que compõem *Versos para os pequeninos*. O que podemos assegurar na análise empreendida nesse manuscrito é que o jogo visual inscrito nos poemas parece indiciar uma proposta pedagógica de educação estética ao pequeno leitor, que não se faz apenas pelo conteúdo neles exposto. Trata-se de uma apresentação visual aos pequenos leitores de “desautomatização” do tradicional posto, de forma fixa e estável. Um manuscrito de um autor que não usa a escrita apenas como instrumento ou técnica para registrar um certo conteúdo no papel, mas que parece ter “consciência” da importância de brincar com as formas visuais.

OS POEMAS E SEUS ASSUNTOS

Os estudos, como os de Lajolo e Zilberman (1988), Arroyo (1968), Zilberman, (1996), Panizzolo (2006), entre outros, apresentam a produção para crianças nos finais do século XIX, marcada pela intenção de modelar e formar a criança, segundo valores dos adultos e o exemplo do bom comportamento exibido pelos protagonistas das histórias.

Parece que *Versos para os pequeninos* rompe, de certa forma, com essa perspectiva registrada pela história da literatura e dos livros escolares para crianças.⁷ Ele traz adaptações de conhecidas cantigas infantis populares que podem embalar, como parlendas, como é o caso, do poema “O balanço” (p. 5). Traz brincadeiras próprias do universo infantil, com trocadilhos e musicalidade, como por exemplo, “Andar de cavalinho” em “Meu cavallo” (p. 43). Traz crianças que se recusam a obedecer ordens e, como em “A Lua”, decidem não brincar mais e mandam-na (...) “às batatas” (...). (p. 7).

São histórias rimadas, bem humoradas, que sugerem leveza, pela inversão dos papéis entre crianças e adultos, em que ambos “entram” e se divertem nas brincadeiras: adultos que são burrinhos ou cavalinhos para crianças, ou adultos que são puxados pelas crianças – “cavalos” em uma carroça, como lemos em “O Vovô” (p. 45): “E o vovozinho muito lampeiro,/ vai ali dentro,/ como gato em poleiro/ [...] qual rei, qual nada!/ Um trem tão rico,/ não é, não pensem,/ de qualquer para o

7. Apenas quatro, dos vinte e quatro poemas desse manuscrito, apresentam, de certa forma, um conteúdo que ensina e moraliza: “Dona Boneca” (p. 25); “Os Bonecos” (p. 13); “Filosofia” (p. 39) e “Os cordeirinhos” (p. 17).

bico!”. Um rompimento da dicotomia entre adulto e criança, inovação que normalmente é atribuída a Monteiro Lobato, na história da literatura infantil. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988).

São poemas em que os animais, como os gatinhos, carregam “à boca, estrefgado, um grande rato dependurado”; [...] não entendem o mestre, porque “à voz da pansa somente attendem” (“A gatarrada”, p. 33). São animais apresentados de modo diferente do que encontramos na produção voltada para crianças, nesse período: nem humanizados e tampouco a oferecer comportamento exemplar a ser imitado pelo leitor infantil.

Em *Versos para os pequeninos*, nos aproximamos de um autor que faz usos distintos da linguagem, atribuindo-os a diferentes personagens e situações. Assim, os textos podem ser moldados pela oralidade, marcando a distinção entre as crianças “maiores” e as “menores”, as escolarizadas ou não; a voz pronunciada em tom mais alto ou mais forte, mais intenso ou mais titubeante etc.

No poema “Ato-ílis” (p. 23), por exemplo, o autor dá um título que pode representar o uso equivocado de uma palavra pela criança, para o que seria o resultado da chuva com o sol: o arco-íris. Ao longo deste poema, são inúmeros os exemplos que podem representar o modo como as crianças falam, trocam letras (c/t; e/i; r/l; por exemplo), suprimem a concordância verbal dos verbos (“nós não pode”), ou alteram a terminação do verbo no infinitivo (“bintá”, ao invés de “brincar”), ou ainda conjugam verbos irregulares como se fossem regulares (“dizeu”), bem como outras formas características da oralidade infantil.⁸ Não há correções ou sermões do adulto diante do uso da oralidade registrada tal como uma criança se expressa.

Estamos diante de um modo de registrar por escrito não só coisas (temas e objetos) que fazem parte do universo infantil, mas de um modo de representar o pensamento da criança, sem medo do autor de induzi-la ao erro ou à imitação da fala “errada”. Uma obra que não se enquadra totalmente dentro do cenário estudado sobre a produção literária para crianças do final do século XIX, conforme Lajolo e Zilberman (1988). Nesse período, os livros para as crianças deveriam ser elaborados tanto por um conteúdo correto do ponto de vista moral e ético, quanto por um nível da linguagem com rigor de correção e perfeccionismo da escrita, quase uma obsessão pela vernaculidade, como as peças folclóricas de Alexina de Magalhães Pinto ou as obras de Olavo Bilac e de Júlia Lopes de Almeida (LAJOLO; ZILBERMAN, 1988, p. 42).

8. Tal uso que representa a fala infantil, adotado por Köpke, pode ser visto também em outros poemas, como “Nôno”, ou “A Boneca” e pode ser constatado em carta enviada ao seu neto, Maurício Goulart, em que o conteúdo (o que se diz), assume uma forma de falar próprio de uma criança. (FERREIRA, 2014).

Versos para os pequeninos apresenta também uma variedade de recursos estilísticos e composicionais entre os poemas, como a alternância entre os narradores – criança, adulto, ambos; na 3ª ou 1ª pessoas – um gênero descritivo-narrativo com a presença de diálogos entre animal e animal, criança e criança, criança com animal, criança com adulto.

Ele é pródigo na produção de uma musicalidade mobilizada pelo jogo lúdico entre rimas, trocadilhos, cadência melódica, ritmo, assonâncias, refrão, tonalidade, volume etc. Nos poemas há marcações, feitas à tinta, ao lado dos versos, que indicam a intenção de alternância de vozes entre quem pergunta e quem responde (diálogo) ou entre o narrador-lírico e o refrão.⁹

Uma musicalidade constituída pelo uso de onomatopeias e aliterações, como, por exemplo, na imitação de berros em “Os cordeirinhos” (p. 17); do som da rabequinha em “Os Bonecos” (p. 13); do miado dos gatos em “Travessos” (p. 11); do som de uma corneta tocada por alguém - tré... té... té... té... té... té... té... té... té - em “O corneta” (p. 41).

O uso da linguagem em *Versos para os pequenino* é simples, direto, econômico, como vemos, por exemplo, nos versos curtos, mas abundantes em pontos de exclamação, interrogação e reticências do poema “O Zé Pereira” (p. 31).

As rimas são simples, com versos que possuem, em sua maioria, seis ou sete sílabas métricas (redondilhas menor e maior). Um esquema métrico bastante próximo ao gosto popular, o que nos remete à composição dos poemas da literatura de cordel em nosso país.

UM GÊNERO POUCO EXPLORADO

O sentido do poema não se fixa apenas em seu conteúdo, desencarnado da performance a ele destinada (FERREIRA, 2014). Em *Versos para os pequeninos* encontra-se um trabalho com a linguagem marcado pela sonoridade e musicalidade, ligadas à cultura oral e à representação de criança que assim se expressa e que está familiarizada com essa cultura, com a qual convive.

A singularidade de *Versos para os pequeninos* pode ser entendida nessa dimensão. Um projeto pedagógico-literário que procura cativar os “pequeninos leitores”, não

9. Os poemas apresentam marcas de escrita, a lápis, entorno dos poemas. A princípio, imaginávamos que seria uma reescrita do próprio João Köpke. O laudo pericial grafotécnico (FIGUEIREDO MOLINA, 2013), solicitado por nós, concluiu que se trata de duas autorias distintas: os poemas são atribuídos a João Köpke e as anotações a lápis são de Winckelmann Köpke, seu filho. (FERREIRA, 2014).

só por um vocabulário singelo e despretensioso, não porque seu conteúdo traz objetos, personagens e animais próprios do universo infantil, mas, principalmente, porque resulta de um trabalho com a linguagem que vem pelas brincadeiras com os sons, pela mistura de onomatopeias, aliterações e rimas, pela criação de uma atmosfera descontraída, quase negligente. E, ainda, um trabalho com a linguagem que na escrita brinca com diferentes disposições visuais pelas páginas, o que propõe também uma ruptura com a forma de apresentação da poesia para crianças.

Um projeto pedagógico-literário em que estão presentes as práticas de leitura pressupostas para os leitores infantis: não é a silenciosa, feita individualmente; nem a sussurrada e titubeante diante da decifração da sequência gráfica; tampouco aquela feita em voz alta diante de um texto em que o adulto corrige sua performance.

A musicalidade e as marcações escritas à tinta, indicando uma possível alternância de vozes, são pistas para o modo de apreciação prevista para esse poema (FERREIRA, 2014).¹⁰ Trata-se de proposta de leitura oralizada, em que os textos cantados, ditos “ausente da cena” (SSEMBRO, 1999, p. 57) conduzem, no entanto, toda a ação (...). A escrita desenhada na página, com capricho pelo escrevente do manuscrito, é substituída, traduzida em “escrita vocal” (op. cit. p. 57) e os poemas apresentados propõem sociabilidade e “exibicionismo” (CAVALLO; CHARTIER, 1999), pela recitação, ou pela leitura expressiva deles.

Versos para os pequeninos, talvez, configure um gênero pouco explorado pelos estudiosos da produção impressa de Köpke e pela história da literatura voltada para a criança (FERREIRA, 2014). Um gênero, ainda que escolar, concebido pela prática de leitura, valorizada na audição (familiar e social) de textos escritos, que mais do que para ler, são para “[...] receber pelos ouvidos ainda só afeitos ao doce eco de voz de seus familiares, com a música do metro, a vibração penetrante da fala emocionada, a impressão das imagens, que a criação poética faz surgir.” (KÖPKE, 1914, p. XXXVII).

No artigo em que João Köpke (1896) elogia, no momento do lançamento, o *Livro das crianças*, de Zalina Rolim, ele destaca a importância e adequação da poesia lírica para os primeiros anos de ensino numa gradação hierárquica de adaptabilidade poética, que leva ao dramático e ao didático: “é incontestável pela lição antiga e de todos os dias que a poesia lírica é o gênero que mais quadra ao primeiro ensino.”

10. Sabemos que no campo das práticas, sempre serão possíveis outras além daquelas intencionalmente previstas pelo autor e inscritas no texto. (CERTEAU, 1994).

(KÖPKE, 1896, p. 1). Alia, assim, um gênero (poesia lírica) a uma prática de leitura que é iniciação na formação do gosto pela literatura, marcado pela Retórica.

O leitor pressuposto da obra de João Köpke, como o título anuncia, é o pequenino. É o pequenino leitor que tem a singularidade infantil tematizada, representada na linguagem, materializada na disposição visual da escrita na página. Enfim, é toda a composição de *Versos para os pequeninos* que o convoca e nela o inscreve.

REFERÊNCIAS

- ATHAYDE, T. [Alceu Amoroso Lima]. Um Precursor. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, p. 3, 3 ago. 1926.
- ALMEIDA, P. D. *Páginas Infantis*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1914.
- ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e Filosofia da linguagem – Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo, Editora Hucitec, 2004.
- CAETANO, J. M.; OLIVEIRA, R. M. As letras capitulares na ilustração dos livros infantis em Portugal nos séculos XIX e XX. In: ENCONTRO NACIONAL DE TIPOGRAFIA. 2., 2011, Aveiro. *Atas do II Encontro Nacional de Tipografia*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2012. Disponível em: <<http://entipografia.web.ua.pt/atas.html>>. Acesso em: 10 out. 2013.
- CASTRO, F. G. R. De cosas y centros de interés. In: ESCOLANO, B. A. *Historia ilustrada del libro escolar en España*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1998. p. 449-466. Vol. 1: Del Antiguo Régimen a la Segunda República; Vol. 2: De la posguerra a la reforma educativa.
- CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. Tradução de Fúvia M.L. Moretto. São Paulo: Ática, 1999.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano*. Tradução de Ephaim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994. Vol. 1: Artes de fazer.
- CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução de M. M. Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.
- FERREIRA, N. S. A. *Um estudo sobre “Versos para os pequeninos”, manuscrito de João Köpke*. 315 f. Tese (Livre docência) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2014.
- _____. Una presentación del manuscrito inédito de João Köpke: Versos para os Pequeninos. In: COLOQUIO DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN: Arte, Literatura y Educación, 18, 2015, Barcelona. *Actas del XVIII Coloquio de Historia de la Educación: Arte, literatura y educación*. Barcelona, Espanha: Publicacions de la Universitat de Vic - Universitat Central de Catalunya, 2015. v. 2. p. 320-332.
- FIGUEIREDO MOLINA, R. *Laudo Pericial Grafotécnico*. Laboratório de Perícias Prof. Dr. Ricardo Molina de Figueiredo. Campinas. Expedido em 19 de dezembro de 2013.

- HILSDORF, M. L. S. *Francisco Rangel Pestana: jornalista, político, educador*. 1986. 343 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1986.
- KÖPKE, J. Carta Prefácio à Sra. Presciliiana Duarte de Almeida. (1907). In: ALMEIDA, P. D. *Páginas Infantis*. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1914. p. XXXII a p. XLIII.
- _____. A Poesia nas escolas (Um livro de Zalina Rolim). *A Província de São Paulo*. São Paulo, p. 1, 28 jan. 1896.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias*. São Paulo: Ática, 1988.
- MENESES, J. G. de C. *Discurso de posse do acadêmico João Gualberto de Carvalho Meneses*. Academia Paulista de Educação. São Paulo, 21 out. 1980. Disponível em: <http://www.apedu.org.br/home/index.php?option=com_content&view=article&id=129:discurso-de-saudacao-ao-academico-moacyr-expedito-marret-vaz-guimaraes&catid=10:discursos&Itemid=171>. Acesso: 10 out. 2012.
- MIGNOT, A. C. V. (Org.). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2005.
- _____. *Vitrine de guardados: exposições de escritas ordinárias*. Bragança Paulista: EDUSE, 2002.
- MORTATTI, M. R. L. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo – 1876/1994*. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: MEC/Inep/Comped, 2000.
- _____. João Köpke. In: FÁVERO, M. L. A.; BRITTO, J. M. (Org.). *Dicionário de educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. p. 546-554.
- PANIZZOLO, C. *João Köpke e a escola republicana: escritor de leitura, escritor da modernidade*. 2006. 335 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-graduação em História, Política e Sociedade, São Paulo, SP, 2006.
- PETRUCCI, A. La escritura manuscrita y la imprenta: ruptura o continuidad. In: _____. *Alfabetismo, escritura, sociedade*. Tradução de Juan Carlos G. Vitale. Barcelona: Geedisa Editorial, 1999. p. 117-128.
- PIZA, M. A. T. *Zalina Rolim: poetisa e educadora*. Itu: Ottoni Editora, 2008.
- ROLIM, Z. *Livro das Crianças*, (1897). (edição fac-símile) In: PIZA, M. A. T. *Zalina Rolim: poetisa e educadora*. Itu: Ottoni Editora, 2008.
- SANTOS, M. L. C. K. *Lendo com Hilda: João Köpke - 1902*. 2013. 229 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2013.
- SVENBRO, J. A Grécia arcaica e clássica, a invenção da leitura silenciosa. In: CAVALLO, G. e CHARTIER, R. (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Ática, 1999. Cap. 1, p. 41-70.
- VIEIRA, A.; ALMEIDA, J. L. *Contos infantis em verso e prosa*. 14. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, Paulo Azevedo & Cia, 1922.
- ZILBERMAN, R. O estatuto da literatura infantil. In: ZILBERMAN, R.; MAGALHÃES, L. C. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1982. p. 3-25.

SOBRE A AUTORA

Norma Sandra de Almeida Ferreira é Professora Livre Docente e coordenadora do grupo de pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita-ALLE da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Atua na área “Conhecimento e linguagem”. É Pós-doutora (Universidade de Algarve – Portugal), Doutora e Mestre em Educação (Universidade Estadual de Campinas). É graduada em Pedagogia (Universidade de Franca) e em Letras (Faculdade de Ciências e Letras de São José dos Campos). Atualmente é Professora Associada da Universidade Estadual de Campinas. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em: leitura, escrita, literatura infantil e alfabetização.

E-mail: normasandra@yahoo.com.br

Recebido em 23 de março de 2016 e aprovado em 27 de julho de 2016.